

Notícias de Barcelos

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO — DR. MATOS GRAÇA

Redacção e Administração
RUA INFANTE D. HENRIQUE
BARCELOS

Chefe da Redacção e Editor — João Pereira da Silva Correia

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA MARINH
Telefone 123 — BARCELOS

PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

Notas de Lisboa

17 DE ABRIL

No próximo dia 27, contam-se onze anos que Salazar começou de pôr mãos no cáos financeiro do Estado; e, desde então, desde o acertar as contas públicas ao moralizar a administração do Estado, começou esta a tornar-se séria, pura expressão da verdade, fiel aos compromissos para com a Nação e os estranhos, e alentadora da economia e de todos os mais sectores da actividade nacional. E' tudo isto o que aquela data nos recorda, hoje que, por todo o País, se vão vendo, dia a dia, os efeitos materiais do equilibrio financeiro do Estado, sem o qual não havia obras novas, não havia fomento económico, não havia amparo ás crises, não havia defesa territorial da Nação, não havia, numa palavra, o engrandecimento deste Portugal.

E não só materialmente falando esta data histórica da Revolução Nacional nos enche de legítimo orgulho: o prestígio que circunda o nome da Pátria, por tódas as latitudes da Terra, começou também quando o estrangeiro viu a honestidade na vida administrativa do Estado, e rehavidos os seus dinheiros, de um país que também figurou na lista dos maus pagadores.

Eis o valor do 27 de Abril — data que abriu os primeiros horizontes largos á Revolução Nacional, e á Pátria a senda do seu engrandecimento.

*

Por ora parece que a intranquillidade internacional desapareceu, ou que amainou; e Deus permitisse que os empreiteiros da guerra fôsem desenganados para todo o sempre.

Esses empreiteiros são os que perderam em Espanha, e que não se cansam de sonhar com a guerra europeia, e de a considerar sua necessária salvação, e de a provocar por todos os meios de intriga diplomática, de campanha jornalística, e de difusão radiofónica, no serviço da mentira comunista.

Não trabalharam pouco, estes dias, para conseguir formar a sua chamada frente das democracias contra os Estados totalitários, na qual regia outra vez o mando e a inspiração, a repugnante, criminosa bêtuta de Moscovo.

Não confundamos, pois. A guerra, quem a quer há muito, e hoje mais, ainda são as forças do Mal, concentradas no *Komintern*, onde vão prestar obediência tódá a maçonaria internacional, todo o judaísmo internacional, e todos os partidos esfrangalhados do liberalismo. Para tódas estas seitas votadas ao assolamento das pátrias, a guerra é uma questão vital — é o sonho de se recompôrem e dominarem na Europa, e no Mundo. Para elas, o direito das gentes ameaçado é um pretexto, que atraioariam logo ao primeiro tiro de canhão.

Para tranquillidade do nosso espirito, não confundamos: a prova, tivémola nós, ao pé da nossa porta, no braço espanhol, que, graças a Deus, findou com a vitória de Franco.

A. DA F.

O Primeiro de Maio

Nos quadros da Revolução Nacional, que nenhuma força pode entorpecer, a data do 1.º de Maio, já não é o toque a rebate da luta do trabalho contra os demais elementos da produção, a barricada simbólica de reivindicações utópicas e irrealisaveis, que mais não fizeram, que desorganizar o trabalho, desgraçar o trabalhador iludido com a paz messiânica da nova era que lhes pregavam e prometiam através da desordem.

Servia pois o 1.º de Maio, para levantar contra os povos, contra as nações, contra os alicerces seculares da organização nacional, os mais baixos instintos duma moral anti-humana, duma paz baseada no roubo e na destruição, duma justiça alicerçada no crime, onde a imutaveis sentimentos pelo próximo nem respeitados eram.

Incendios, roubos, assassinatos, desorganização do trabalho, destruições sem conta, formavam o cortejo libertador com que o 1.º de Maio por aqueles que só sabiam fazer revoluções, por incapazes de fazer uma Revolução, era festejado para dignificar o Estado e o Trabalhador!

Não escapou Portugal a essa onda de loucura e de desvairio; e o 1.º de Maio também entre nós, foi festejado com a apologia do crime, algumas vezes.

Hoje o trabalhador português, não se deixa enfileirar nesses cortejos do trabalho;

pois bem cedo compreendeu a nova ordem de coisas que o 28 de Maio impôs, e hoje, numa absoluta compreensão de direitos e obrigações e de colaboração, a data do 1.º de Maio é em Portugal; o triunfo da ordem, a apoteose ás forças creadoras de todo o Nosso Império.

Não se festeja este ano o próximo 1.º de Maio com uma festa unica, como tem acontecido nos anos anteriores.

Segundo nota officiosa de 24 do corrente do Instituto Nacional do Trabalho, Delegação de Braga, o 1.º de Maio será festejado adentro de todos os nucleos locais, em festa de confraternização tanto quanto possível, em estreitamento de laços entre patrões, empregados e operários.

Quer assim o Instituto Nacional do Trabalho, conseguir uma solidariedade maior entre todos os trabalhadores de Portugal, fazer mais uma vez compreender, que o trabalho, como um bem que a natureza e os mais alto principais da moral impuseram ao homem, só pode ser proveitoso adentro duma sistema de união e compreensão.

E' uma modalidade aliás bem proveitosa, da comemoração do 1.º de Maio e ao relembrá-lo, mais uma vez compreendemos que não ha força que possa entrar a marcha á Revolução Nacional.

F. M.

O ALOJAMENTO

NA U. R. S. S.

Para se avaliar a famosa «solicitude» estaliniana a favor do bem estar dos trabalhadores, basta ler estes bocadinhos de prova, extraídos da imprensa oficial da U. R. S. S.

«É impossível arranjar um quarto num hotel de Moscovo» («Pravda», de 7-IX-38).

«A fábrica Kolomenski tem 20 mil operários; mas apenas 600 stkanovistas e trabalhadores «responsáveis» têm casas novas» («Le Journal de Moscou», de 25-X-38).

«Nas fábricas de automóveis Estaline, em Moscovo, 5 mil operários estão alojados em 119 barracões e 200 casas de madeiras, das quais 57 se acham em tal estado que há muito deviam ter sido demolidas» («Za Industrializatiou», de 4 VIII-37).

«Para se obter um quarto, recorre-se ás denúncias á G. P. U.: herda se, dêste modo, o quarto do denunciado» («Izvestia», de 27-VIII-38).

Foi condóido com este estado de coisas que Estaliné teve, naturalmente, a ideia genial e benemérita de arrumar os infelizes nas prisões... Ao menos, sempre dispõem duma tarimba.

UMA DATA NACIONAL



Passa hoje o 11.º aniversário da investidura do sr. Dr. Oliveira Salazar na pasta das Finanças.

O que esta data representa para a vida da Nação não necessitam os portugueses que o digam.

Todos se recordam das palavras de SALAZAR «*sci muito bem o que quero e para onde vou*» nas poucas que pronunciou no acto de posse.

Os portugueses há muito que verificaram com grande júbilo e verdadeiro alívio a verdade dessas palavras e por isso, há muito também que essa data não passa desapercibida á esmagadora maioria da Nação.

«Notícias de Barcelos» cumprimenta o ilustre Chefe da Revolução Nacional e faz votos ardentes, a bem da Nação, para que Deus lhe conserve a vida por longos anos.

MANUEL TERROSO

Barcelos tem tido sempre poetas que versem com mais ou menos lirismo, mas com verdadeiro sentimento e cuidada perfeição.

Em tempos passados, em gerações que lusiram pelo cavalheiresco da mocidade, onde o espírito predominava, nomes brilharam na arte de versejar, e até nós, os de agora, chegam os reflexos desse esplendor poetico.

Fogaça, Malheiro, marcaram uma época e deixaram rastros de luz vivíssima do seu espirito, cantando este bocadinho do deslumbrante Minho, o Barcelos de então.

Arnaldo Braz, Marques Azevedo, sempre moços e sempre poetas, desfibraram, o coração em maviosos cantares.

Depois uma lacuna enorme se destaca, onde a mocidade procurou nos desportos os atractivos do seu espirito,—a época da bola,—sendo raro aquele que enebria a alma com os encantos seductores da poesia.

Dulce de Montalvo aparece, requinte de sensibilidade feminina, procurando diluir em versos impregnados de forte lirismo a sua descrença na vida que tanto a torturava.

No soneto brilha em primeiro lugar o sr. Dr. Padre Armenio de Brito, barcelense muito culto, burilando sob esta forma os pensamentos mais belos, as ideias que afluem rapidas ao seu espirito de verdadeiro poeta.

Na quadra resalta Artur Roriz Pereira, estando na boca de todos—suas quadras lindissimas, que pelo tempo fora irao dizendo quanto de belo ha no conceito de uma simples quadra, difficil de trabalhar, tão pequenino é o molde para vasar um grande pensamento.

Um nome, ignorado de muita gente, destaca-se no momento presente, moço cheio de qualidades para triunfar, Manuel Terroso, que vimos hoje apresentar aos barcelenses, tão modesto ele vive a deixar o seu espirito vogar á mercê das ondas poeticas que agitam o seu coração.

Temos lido produções suas e achamo-las tão impeccaveis que nos julgamos no dever de dar a conhecer este novel poeta que promete vir a ser um nome no meio literario local.

São dêle:

O MINHO

I

*São searas, milheirais
E vinhedos sem cessar,
São rios a murmurar,
Correndo entre salgueirais.*

*São pobrezinhos casais,
Verdes leiras de encantar,
E sempre, loucos no ar,
Bandos, sem fim, de pardais.*

*E' tudo por esses prados,
Floridos, matizados,
Cheios de tudo a cantar,*

*Que de dia o sol aquece,
E que quando a noite desce,
Servem de berço ao luar.*

II

*São rapagões, raparigas,
Cavadores, lindas ceifeiras,
E são malhadas de espigas
De pão loiro, em niveas eiras.*

*São cantigas, mais cantigas,
Mesmo quando são canseiras,
Mesmo quando são fadigas,
A descansar nas lareiras.*

*E' emfim—eu sei lá quê!
Tudo quanto a gente vê
Com beleza sem igual,*

*E' um hino, é um poema,
E' a corôa, o diadema,
Do meu lindo PORTUGAL!*

A Legião Portuguesa, é uma força

O exercício da «Legião Portuguesa» do distrito de Lisboa efectuado na última sexta-feira á noite, foi um espectáculo impressionante de força, de vigôr e de expressão nacionalista.

Milhares de homens dos batalhões da cidade e de Queluz, Tôres Vedras e Cascais e dos «terços» independentes de Oeiras, Mafra e Sintra, desfilarão, com grande aprumo e garbo militar, durante mais de uma hora, dando á dezenas de milhar de pessoas que assistiram ao desfile uma demonstração exuberante da sua excelente formação e preparação.

O povo de Lisboa pôde verificar, mais uma vez, que a «Legião Portuguesa» é uma força sempre pronta para o que dela possam exigir a ordem pública e a defesa do país.

Muito antes das 22 horas, termo da concentração, já ao longo do percurso havia muitos milhares de pessoas.

Às 22,30 horas, após a revista, os legionários iniciaram o desfile perante os srs. dr. Costa Leite (Lumbrals) e general Casimiro Teles, pela seguinte ordem.

Brigada Naval (800 homens) e charanga, sob o comando do sr. 1.º tenente Horácio de Carvalho e pelo 2.º comandante sr. Roma Machado. Levava uma bateria de artilharia com três peças, sob o comando do sr. Marques Guimarães, e uma secção de metralhadoras, comandada pelo sr. 1.º tenente Carrelhas, e serviços de transmissões, constituídos por 35 motos, sob o comando do sr. eng. Penha Garcia; batalhões 3, 5 e 8, terços independentes n.ºs 1 (Oeiras), 3 (Mafra) e 34 (Sintra); batalhões 1, 2, 4, 6, 7, 9, 10 e 16, comandados, respectivamente, pelos srs. eng. Serpa Pimentel, Raul Tavora, Alfredo Felipe, tenentes Rui Marques e Madeira, Americo Santos Sousa Bonito; capitão Barbosa, Barreira, marquês de Abrantes, eng. Peres Durão, Soares Branco e major Vital. Seguiam-se o «terço» de cavalaria sob o comando do sr. Rodrigo de Castro Pereira; a Brigada Automovel, dirigida pelo sr. eng. Pedro Brion e constituída por trinta e oito carros e motocicletas; os automoveis e camionetas dos terços independentes de Mafra e Sintra e dos batalhões 1, 2 e 16, respectivamente, de Queluz, Tôres Vedras, Alenquer e Vila Franca.

Após o desfile pela avenida da Republica, a Brigada Naval fez o primeiro «alto» na praça Duque de Saldanha e outro quando, passada a avenida Fontes Pereira de Melo, a testa da parada chegou á praça Marquês de Pombal.

Pelas ruas do percurso a multidão aplaudia e aclamava os legionários. As manifestações, porém, começaram a ser maiores na Rotunda, onde havia muitos milhares de pessoas reunidas, que vitoriam Portugal, os srs. gene-

ral Carmona e dr. Oliveira Salazar e a «Legião». Os rapazes da «Mocidade Portuguesa» e as senhoras, especialmente, destacavam-se entre os manifestantes, pelo seu ardor e entusiasmo.

As forças legionárias marchavam com um alto aprumo, e foi verdadeiramente notavel a compostura da multidão, que, sem necessidade de policiamento, se conteve nos passeios. Apenas no local onde se encontrava o sr. ministro do Comércio foi montado um serviço de ordem por legionários da formação do comando geral, desarmados.

Alguns contingentes envergavam os novos fardamentos de caqui verde e só as formações do comando não levavam espingardas.

Despertou aplausos populares especiais alguns contingentes que desceram a avenida em passo gymnástico.

Em frente aos monumentos aos Mortos da Grande Guerra e da Restauração, fizeram continência.

Aí, o povo irrompeu em aclamações enormes, clamorosas, que só se extinguiram no Rossio, quando as forças iniciaram o destrôço.

Por toda a parte, nas ruas, nas janelas, nas varandas das moradias e dos «cafés» havia gente que aplaudia a «Legião» e soltava entusiásticas «vivas» aos srs. Presidentes da República e do Conselho, á Pátria e ao Estado Novo.

As últimas viaturas passaram em frente ao sr. ministro do Comércio aos 15 minutos de sábado.

As forças logo que atingiram o Rossio dispersaram em direcção aos respectivos quartéis só a Brigada Naval seguiu pela rua do Ouro, indo ocupar os seus transportes no Terreiro do Paço.

Presenciaram o desfile numerosos officiais do Exército e da Armada e diversas personalidades de relêvo do Estado Novo.

Após o desfile, o sr. general Peixoto e Cunha felicitou vivamente os srs. ministro do Comércio e general Casimiro Teles pela brilhante parada a que assistira.

O sr. ministro do Comércio declarou a um redactor do *Século*:

—«A parada a que acabamos de assistir não foi uma manifestação festiva; foi um exercício. Demonstrou que a «Legião Portuguesa» tem eficiência e que está pronta, sempre, para o que for necessário. É tanto mais para louvar a rapidez da concentração e a ordem do desfile, quando é certo que se trata de voluntários, que, a-final, dão um alto exemplo de patriotismo».

—Na noite do mesmo dia também a «Legião Portuguesa» da cidade do Pôrto realizou um interessante e útil exercício que demonstrou de forma exuberante o valôr e a força desta patriótica organização.

1.º DE MAIO

Na séde do Turismo reuniram-se os ex.ºs Presidente da Camara, Delegado do Governo, Presidente da Comissão da União Nacional, Presidente da Associação Comercial, Industriais, e representantes dos Sindicatos, para acordarem na forma de comemorar o 1.º de Maio, em Barcelos.

Ficou assente realizar-se uma ampla *Festa de Confraternização*, reunindo em franca camaradagem os Patrões e os Operarios, sendo servida uma merenda na Cerca do Hospital.

O local é esplendido para tão simpática Festa, proporcionando a todos umas horas agradabilissimas.

Uma banda de musica alegrará essas horas de convívio, dando ocasião a todos os operarios se distrairem com as suas familias, logo que termine a merenda de confraternização.

Nessa ocasião haverá uma sessão comemorando tal data, onde falarão um Operario, um Patrão, um representante dos Sindicatos Operarios e um representante da União Nacional.

E' bem simples a comemoração mas traduz perfeitamente o actual significado da data—*1.º de Maio com Salazar.*

Escola Comercial Portuguesa

POR CORRESPONDENCIA
(Fundada em 1930 e ao ab. lgo do Dec. 23447)
RUA DO ARSENAL, 54, 3.º—LISBOA

HABILITAÇÃO GARANTIDA PARA GUARDA-LIVROS

em 8, em 12 ou em 20 meses, conforme o tempo de que o aluno dispõe em cada dia, a sua idade, etc.

40 — Quadro de honra: Alguns nossos distintos alunos:

Sr. Manuel Mantinhas — *Balei-são* (Alentejo).

Sr. Abilio Pinto Coelho — *Pôrto Amboim* (Angola).

Sr. Armando Mira Corôa — *St.ª Vitória* (Alentejo).

Sr. José J. Menezes Pinto — *Pôrto*.

Sr. Francisco Barrocoso da Silva — *Torrão do Alentejo*.

Iremos publicando mais nomes nos numeros seguintes do «Noticias de Barcelos».

CURSOS DE ESCRITURAÇÃO, CONTABILIDADE, ESTENOGRAFIA, DACTILOGRAFIA, etc.

Peça gratis o nosso livro de propaganda, que contém planos de estudo, programas dos diferentes cursos, tabelas de preços, muitas centenas de nomes e moradas de antigos alunos, etc.

Se lhe for possível, recorte e envie-nos este anuncio.

Industria regional de Barcelos

Visitem a exposição de louças decorativas da CERAMICA MACEDO

(EM FRENTE AO CORREIO GERAL)

Ciclo de conferencias culturais

PROMOVIDO PELA UNIÃO NACIONAL, SERÁ BREVEMENTE INAUGURADO COM UMA BRILHANTE LIÇÃO DO SR. MINISTRO DA JUSTIÇA

Promovido pela comissão de propaganda da União Nacional, vai realizar-se, em breve, um ciclo de conferencias culturais acerca de altos problemas de filosofia geral, social e politica, ciencia e historia nacional.

A conferencia inaugural será proferida pelo sr. ministro da Justiça e a ela presidirá o sr. ministro do Interior. O sr. dr. Manuel Rodrigues versará o tema «O conceito da democracia» e é já grande o interesse despertado por esta lição, dada a alta categoria intellectual do conferente e a sua especial autoridade para tratar de tão palpitante assunto.

Seguir-se-ão outras conferencias pelos srs. ministro do Comércio que falará da «Equação geral da vida economica portuguesa»; prof. dr. D. Antonio Pereira Forjaz, que dissertará a proposito da «Ciencia de concepção naturalista da vida»; e dr. Manuel Murias que focará «A deformação da História iniciada no século XIX—A Historia ao serviço da Revolução Liberal»; e ainda pelos srs. sub-secretário de Estado das Finanças, profs. drs. Fezas Vital, Abel de Andrade, Pacheco de Amorim e Rui Ulrich; drs. Deniz da Fonseca, Beleza dos Santos, Mario de Albuquerque, Gonçalves Pereira, Cunha Gonçalves, Luiz de Pina, Antonio de Almeida, padre Abel Varzim, e Lopes de Almeida; Augusto Costa, eng. Cincinato da Costa e comandante Freitas Morna.

«Embaixada da Alegria»

No Teatro Gil Vicente em 1 de Maio

Esta bem organizada Companhia de Revista que tem feio um successo com a exhibição de peças hilariantes, vem a esta cidade realizar um espectáculo no próximo dia 1 de Maio levando á cena a Revista em 2 actos e 16 quadros BRANCA DE NEVE, maravilhoso successo da época.

O elenco desta formação teatral é constituído por Corina Freire, Ema de Oliveira, Cremilda de Sousa, Lucinda Trindade, Maria Ema, Manuel Santos Carvalho e Júlio Martins, ora a trabalhar no Teatro Sá da Bandeira do Porto e artistas de incontestável valor no teatro português.

Pelo género de reportório que representam e pelo successo já obtido, convencemo-nos que Barcelos vai ficar agradado da récita desta Companhia, tanto mais que BRANCA DA NEVE como passa-tempo de alegria e riso é das melhores composições artisticas de teatro humorístico.

A marcação de lugares está já aberta no Quiosque da Calçada.

BAILE DOS TREZ REIS

Em beneficio das festas a Santo António a realizar nesta cidade nos próximos dias 10 e 11 de Junho, efectuou-se no último domingo, no campo da Granja, o anunciado baile dos Trez Reis.

O baile foi representado pelo grupo de Balugães e assistiram centenas de pessoas.

SOCIEDADE

Aniversarios Fazem anos:

Domingo—a sr.ª D. Teresa de Jesus da Cunha Velho Soto Mayor.

Dia 1 de Maio—a sr.ª D. Ema Emilia de Araujo.

Dia 3—a sr.ª D. Laura Matos Viana Lopes e o sr. Virgilia Moreira Esteves.

A AMIZADE LUSO-ESPANHOLA

A amizade luso espanhola é um facto. Maus portugueses porém que não queriam que assim fôsse pretendem de quando em quando fazer acreditar, espalhando os boatos mais absurdos e estúpidos, que no presente já assim não é.

A eficacia dessa arma, actualmente, é nula e, nem a circunstancia de trazer a marca de origem—qualquer dos gigantes pigmeus que iam bolchevizando a nossa Pátria oito vezes secular—consegue dar-lhe algum valor.

A amizade de Portugal com a verdadeira Espanha, foi alicerçada durante cerca de 3 anos na luta que esta teve de enfrentar para expulsar os novos bárbaros do Oriente do seu território.

E estamos certos que nem os portugueses vendidos a Moscovo, nem os espanhóis em iguais condições e nem toda a canalha internacional junta conseguirá abalar sequer a amizade sincera que no presente existe entre Portugal e a Espanha.

Todos os dias os jornais espanhóis confirmam essa amizade.

Ainda há dias a convite das autoridades de Tuy, foram ali o governador civil de Viana do Castelo e as restantes autoridades civis e militares daquela cidade portuguesa. O «alcaide» de Tuy ofereceu um banquete aos visitantes, encontrando-se a sala vistosamente ornamentada com bandeiras portuguesas e espanholas. Em lugar de honra, viam-se dois grandes retratos do sr. dr. Oliveira Salazar e do generalissimo Franco, sob os quais havia a seguinte inscrição: «Viva Salazar! Arriba Espanhal! Viva Franco! Viva Portugal! Portugueses e espanhóis são irmãos!».

Nos discursos pronunciados durante o banquete, foi exaltada a sincera amizade que liga os dois povos ibéricos. As autoridades portuguesas foram alvo de grandes manifestações de simpatia por parte das autoridades espanholas e entusiasticamente aclamadas pela população de Tuy.

No domingo um contingente da «Mocidade Portuguesa» de Beja, com estandarte, terno de clarins e tambores, visitaram a cidade espanhola de Huelva. Ao desfilarem pelas principais ruas da cidade foi delirantemente evacionado, impressionando todos o garbo com que marchava.

Os rapazes da «Mocidade» foram recebidos pelas autoridades civis e militares, chefes da Falange Espanhola e «Flechas» navais e terrestres. O nome do sr. dr. Oliveira Salazar e do generalissimo Franco foram muito aclamados.

Os jovens visitantes foram apresentar cumprimentos ao governador civil e militar, ao chefe da Falange, ao «alcaide» e ao presidente da Deputação Provincial.

O governador civil de Huelva ofereceu aos seus hóspedes um banquete, tendo afirmado, no seu discurso, ser sincera e leal a amizade que liga os dois povos ibéricos. E acrescentou: «Rapazes da «Mocidade»! Quando regressarem ao vosso País, digam ao povo português que são seus amigos sinceros. São absolutamente falsas as noticias que maus portugueses e maus espanhóis puseram, maldosamente, a circular, segundo as quais soldados italianos estavam concentrados na fronteira luso-espanhola, com o objectivo de invadir Portugal. Estas falsidades tinham apenas por fim prejudicar as boas relações de amizade existentes entre Espanha e Portugal. Os seus autores não conseguiram, porém, os seus fins pois os dois países amigos são governados por estadistas que, com a maior serenidade, enfrentam todas as

situações, não dando ouvidos a falsas noticias».

Prosseguindo, o governador civil de Huelva convidou os representantes da «Mocidade Portuguesa» a percorrer a fronteira, a fim de observarem que não existe ali um unico soldado italiano ou de qualquer outra nacionalidade. Terminou por dizer: «Digam, em Portugal, que a Espanha jámais o atacará, e tampouco consentirá que o seja, através do seu território. Mesmo que um tal ataque surgisse do lado do mar, os espanhóis correriam a defender, com armas na mão, o vosso País, pois não podem esquecer que a vitoria de Franco não teria sido possivel sem a acção da nobre nação portuguesa».

Na segunda-feira realizou-se um grande banquete, oferecido pelas autoridades de Huelva, um baile no Circulo Mercantil e um passeio á Rábida, em honra dos visitantes.

O contingente da «Mocidade Portuguesa» colocou uma corôa no monumento aos mortos da guerra civil.

Reina grande entusiasmo em Huelva, pela visita ouvindo-se, constantemente, «vivas» a Portugal, á Espanha, a Carmona, a Franco e a Salazar.

O «Diário Vasco» de S. Sebastian, de 23 do corrente, publicou um artigo do seu cronista internacional acerca dos boatos tendentes a semear a desconfiança entre Portugal e a Espanha, salientando que se trata de uma reincidencia num equívoco total e absoluto. Depois de afirmar que resultaram contraproducentes todas as tentativas e manejos lançados durante a guerra, para que Portugal desconfiasse da Espanha de Franco, o articulista acentua: «Nunca como agora o povo português esteve tão unido espiritualmente connosco. O Portugal de Oliveira Salazar conhece admiravelmente quais são os seus amigos e os seus inimigos. Estamos seguros que se repetirá agora o sucedido durante a guerra. Essas manobras servirão para que continuemos estreitando mais intimamente as relações entre os dois grandes países, cujo interesse mutuo consiste em unirem-se para defender mais eficazmente a plena soberania e a independencia total do territorio espanhol e do territorio português, tanto o peninsular como o ultramarino».

Como os nossos leitores podem verificar, e certamente já tinham verificado, os boatos que de vez em quando são postos a correr têm como fabricantes os amigos dos bandidos espanhóis agora corridos da gloriosa Pátria de Cervantes.

A esmagadora maioria da nação portuguesa pouco crédito liga a tais boatos porque conhece bem a origem.

Mas se hoje registamos com agrado tal indiferença, amanhã, quando soubermos que em vez de indiferença, houve réplica pronta e decisiva, registaremos ainda com mais agrado.

Conferência de S. Vicente de Paulo (HOMENS)

DONATIVOS RECEBIDOS:

Da sr.ª D. Maria Emilia Torres 50\$00.

Crèches D. Antonio Barroso

Recebido das Colectoras:

Sr.ª D. Maria José Marinho 70\$00
Sr.ª D. Maria da Graça da Silva Vasconcelos 159\$00

FALECIMENTO

D. ABIGAIL DA SILVA PAULA

Na freguesia de Vila Frescaíña—S. Martinho, faleceu na manhã de anteontem, repentinamente, a sr.ª D. Abigail da Silva Paula, de 31 anos de idade, natural do Rio de Janeiro e filha do sr. José Francisco Pinto da Silva e da sr.ª D. Eva Maria de Jesus, já falecidos.

A extinta era casada com o nosso amigo sr. Manuel Meira de Paula e cunhada da sr.ª D. Violeta Paula Pires e do também nosso amigo sr. Gastão Meira de Paula.

O funeral da inditosa senhora, realizou-se ontem de sua casa, sita á «Vila Violeta» para a igreja de V. F. S. Martinho e daí para o cemitério paroquial onde ficou sepultada em jazigo de familia.

Incorporaram-se centenas de pessoas de todas as camadas sociais e numerosas senhoras.

Os «bouquets» foram conduzidos por senhoras da Liga Independente Católica Feminina e da Conferencia de S. Vicente de Paulo, sendo o oferecido por aquela instituição levado pela sr.ª D. Amélia Correia por ser a chefe da dezena, da mesma Liga, a que pertencia a extinta.

Os Bombeiros de Barcelos conduziram a urna num dos seus prontos-socorros e no préstito funebre também se incorporaram as educandas do Recolhimento do Menino Deus.

Levou a chave da urna o snr. Dr. Aurélio da Cunha, de Braga, cunhado da falecida.

O funeral foi dirigido pelo nosso amigo snr. Artur Roriz Pereira e organizaram-se os seguintes turnos, pelos Ex.ªs Snr.ªs:

1.º — D. Elisa Paes de Vilas-boas, D. Maria da Glória Duarte, D. Laurinda Nunes Hall, D. Adelaide Martins da Costa, D. Rosa Coelho da C. Vieira e D. Maria José V. de Sousa Basto.

2.º — D. Delfina de Lima Garrido, D. Maria Teresa Quinta, D. Maria Quinta da Costa, D. Maria José Mahiques Senti, D. Rosa Maciel de Faria e D. Amália Nunes.

—A toda a familia enlutada e em especial a seu marido o nosso amigo sr. Manuel Meira de Paula, enviamos a nossas mais sentidas condolências.

«Festas da Mocidade Portuguesa»

Nos próximos domingos 7 e 14 de Maio, na cêrca do Hospital da Misericórdia, realizam-se interessantes festas promovidas pela ala de Barcelos da M. P. para as quais se acha já constituída uma comissão composta pelos srs: Miguel Gomes de Miranda, Presidente da Câmara, Francisco J. Monteiro Tôrres, Delegado Especial do Governo. Dr. Padre Arménio de Brito, capelão da M. P. e Dr. Henrique Moreira, Sub-delegado Regional da M. P.

Estas festas constarão de ginkana de automóveis, ginkana de bicicletas para filiados e não filiados, e diversos jogos desportivos.

POR LAPSO

Deixamos de dizer na referência que fizemos ás comemorações do 9 de Abril promovidas pela Delegação de Barcelos da Liga dos Combatentes que os discursos pronunciados junto do monumento aos Mortos da Grande Guerra foram retransmitidos, com nitidez, pela conhecida cabine «Sonora-Moura» desta cidade.

DOENTE

Encontra-se já restabelecida a sr.ª D. Leonilde Esteves Alves, estimada directora do Asilo de Inválidos.

O valor deshumano do maquinismo

No dia 10 de Dezembro de 1938 em Paris, em sessão anual da Academia de Ciências Morais e Políticas, André Siegfried, membro do Instituto de França, fez uma conferencia sobre a revolução industrial e as suas repercussões nos problemas do nosso tempo. A' margem do problema que fundamentalmente nos interessa, e com vista aos que atribuem a nossa crise económica á organização corporativa (chove? organização corporativa; não chove? organização corporativa) aproveitemos a oportunidade para dizer que André Siegfried des-cortina, na crise que resultou da guerra, nada menos de três crises separadas, diferentes pela sua natureza, pelo seu ritmo e pelo seu alcance.

São elas: crise de liquidação da própria Guerra; em seguida, crise cíclica de baixa de preços, de longo alcance; finalmente, crise da própria hegemonia europeia: «o equilíbrio económico do século XIX fundado nas trocas complementares duma Europa industrial e dum mundo extra-europeu fornecedor de produtos brutos, torna-se rapidamente «périmé»; a adaptação que se está fazendo neste capitulo nascerá um equilíbrio novo, do qual o velho continente como aliás a Terra inteira, sairá evidentemente por completo transformada». A primeira crise— a da liquidação da Guerra—é circunstancial; a segunda— a dos preços— é cíclica; a terceira, é geográfica, pondo em causa um continente.

Sempre que se aborda o problema do maquinismo e dos inconvenientes causados pelos seus excessos, é certo os «valores humanos» a egarem que o mal não está no excesso de maquinismos mas apenas no uso que o capitalismo deles faz. E' a história do costume. Se o capitalismo não explorasse os maquinismos em proveito próprio em vez de os utilizar em proveito da Humanidade, o homem conheceria a felicidade na terra, pois obteria, com o mínimo de esforço o máximo de produtos. Esta visão paradisíaca do Mundo não corresponde porém ás realidades. Esquece-se que o capitalismo, pelo contrário, é interessado na exploração a fundo dos maquinismos. Esquece-se que não há uniformidade na capacidade de absorção dos mercados. Esquece-se que não há maquinismos capazes de aumentarem a capacidade de produção da Terra para muito além do que dela se obtem já hoje. Esquece-se igualmente que a Rússia comunista está há vinte anos a realizar a experiência da industrialização intensiva, da multiplicação dos maquinismos— e que apesar-disso o nível de vida do trabalhador russo é o mais baixo de todo o Mundo civilizado: o trabalhador russo é escravo da industrialização e morre de fome. E não se diz sobretudo, o que faria o homem do resto do tempo que lhe ficaria livre, se para ter tudo aquilo de que precisa, lhe bastasse trabalhar apenas duas ou três horas por dia...

Em dois aspectos se pode desdobrar o «valor deshumano» dos maquinismos: na ilusão da felicidade perpétua, explorada pelos «valores humanos» de todos os sectores e de todos os calibres, e na escravatura em que o homem moderno vive em relação á máquina. Inverso e reverso da medalha. E se dum lado a felicidade pela máquina, a realizarem se as promessas dos «valores humanos», conduziria a breve trecho á derrocada da civilização na preguiça e na depravação dos prazeres, do outro

temos a realidade de todos os dias: o homem escravo da máquina. «O maquinismo, considerado como sistema, escreve Siegfried, é a conquista e a civilização pela humanidade das forças elementares da natureza.

A' ferramenta, simples prolongamento do braço ou do pé, trata-se agora de substituir uma energia completamente dissociada do esforço humano. Pouco importa, aliás, que seja o vapor, a electricidade, o petróleo, a queda de água, o vento, ou mesmo a energia tirada das marés ou do calor solar: o que conta, é a utilização das forças naturais em lugar do penoso esforço dos músculos. E é por isso que a máquina e a ferramenta não têm, no fim de contas e a pesar-das apparencias, nada de comum». Quais são as consequências sociais desta substituição da máquina pela ferramenta? «As consequências sociais, as repercussões humanas destes métodos novos, sobretudo quando praticados sem cautelas e por assim dizer agressivamente, são iliminadas. Em primeiro lugar figura a posição do homem em face da máquina. A ferramenta, dissemos nós, é individual, educadora; o artefice, que abraça facilmente o conjunto do seu trabalho, está em condições de lhe medir o ritmo, estreitamente ligado á força despendida.

A máquina, porém, é colectiva, incompatível no fundo com uma actividade estritamente individual, o operário é servidor, o criado, poder-se-ia dizer, dum ferramental que funciona segundo um ritmo que lhe é próprio e do qual se tem a impressão de ser implacável ou, numa palavra ainda mais exacta, deshumano. Basta, para se verificar isto, ver marchar a «cadeia», nas fábricas Ford, ou mesmo ter seguido, no cinema, a fina (spirituelle) critica no filme *Tempos Modernos*, de Charlie Chaplin. «O homem é a medida das coisas», disse o grego Protagoras. Di-lo-ia ele hoje, na América? Já não é o trabalhador, na fábrica moderna, quem determina o ritmo do trabalho; é preciso que ele siga a máquina, numa corrida esgotante em que o trabalhador não é mais do que o contributo duma força exterior, captada e regulada fora dele».

A técnica modificou-se também e desta modificação resultou logicamente a deminuição da capacidade profissional do trabalhador, pois o trabalho em série, feito á máquina, exige cada vez menos especialização. A moral do trabalho modificou-se igualmente. O que a direcção exige da grande massa dos operários não é competência técnica, tornada inútil, mas rapidez e agilidade de movimentos, a resistência física necessária num serviço mecânico que não suporta repouso, a consciência na assiduidade do trabalho fornecido. O que se exige, em suma, é, no anonimato, o espírito de equipa e de serviço, sustentado eventualmente por uma mistica da produção cuja grandeza não desconheço ao passo que a sua servidão me arripia. O aborrecimento deste trabalho automático é profundo, gerador, a experiência o prova, de neurastenia; ninguém pode subtrair-se ao que ele tem de deprimente senão dizendo ou persuadindo se de que colabora em qualquer coisa que transcende quem faz semelhante trabalho. Semelhante estado de espírito, a falar verdade místico, existiu certamente, se é que não existe ainda, na Rússia soviética, e provavelmente se teria encontrado também, no esta-

do meio-consciente, durante o grande período de optimismo e de alegria na produção que marcou na América, o «boom» dos anos de 1924 a 1929.

O interesse técnico do trabalho não basta, pois, para sustentar o trabalhador: é preciso apelar para os altos salários, para uma vigilância disciplinar de todos os segundos, para o moral da cooperação, para esta mistica que, levantando o individuo acima de si próprio, o convence a perder-se num todo que o ultrapassa».

A conclusão de tudo isto é triste. «Comparemos, diz Siegfried, comparemos, nestas condições, a formação, a cultura do homem médio de ontem com a do homem médio de hoje ou de amanhã. Ousarei confessá-lo? a do artefice ou do camponez parece-me humanamente superior: ela resulta menos da instrução ou da informação que do próprio officio e da sua prática; e por isso é mais pessoal, mais harmoniosa, sobretudo mais real. Superior sem duvida, mas muito mais artificial, é a formação actual do operário das grandes cidades, quer nos Estados Unidos quer nas capitais europeias; a sua vida de relação é seguramente mais extensa do que era ontem a do camponez: pelo jornal, pelo cinema, pela rádio, mesmo, pela via da rua ou da oficina, o operário está em contacto com o mundo exterior, propriamente com a Terra inteira (vantagem que a rádio estende agora aos campos); mas não sabe nada directamente, só vê as coisas por reflexo, como quem diria sobre o écran, e a sua profissão, se o operário não é um especialista, mal o educa; só vê a vida em segunda mão, mas abraça um horizonte muito mais largo do que no passado». Por outras palavras: o abuso do maquinismo invertiu os papeis do homem e da máquina: em vez de ser auxiliar do homem, a máquina converteu o homem em seu escravo. Se o humanismo moderno é feito do sacrificio permanente do homem á máquina, mil vezes preferível é o antigo humanismo, no qual o homem sabia menos em superficie mas mais em profundidade gozava de menos conforto mas de melhor saude, possuia menos ciência mas era mais feliz, conhecia menos técnicas mas dispunha de maior liberdade, conhecia menos mundo mas vivia mais tranquilo...

Augusto da Costa

(Do «Diário da Manhã»)

Piores que os piores bárbaros

Na catedral de Santa Sofia, em Kieff, conservava se desde 1054—há quasi nove séculos!—um sarcófago com os restos mortais de Iaroslav, o sábio, pai de Ana de França, que era alvo da veneração de todo o povo ucraniano. Vieram os tártaros, os lituanos, os polacos e os russos, devastando a cidade de Kieff na sua existência milenária. O sarcófago, porém, foi sempre respeitado.

Pois agora a liga dos «sem Deus» obteve autorização do governo da Ucrânia soviética para abrir o sepulcro, onde encontraram um esqueleto perfeitamente conservado e algumas jóias de muito valor.

Os comunistas procedem sempre assim, seja na Ucrânia ou em Espanha com o objectivo de destruir todos os monumentos históricos e religiosos, ligados intimamente á vida dos povos.

PELO CONCELHO

Galegos, St.^a Maria

Abril, 24

Por não nos ser possível corresponder na semana passada, vão algumas notícias atrasadas, do que pedimos desculpa.

—No dia 14, passou o seu aviver-sário natalício na sua casa desta freguesia o sr. Plácido Elias Barbosa Lamela, motivo porque foi cumprimentado por muitas pessoas amigas e entre êsses amigos, muitos eram dessa cidade; e nós, um pouco tarde, mas também lhe angariamos muitas dessas datas e com alegria.

—Com 86 anos, faleceu no dia 15, a sr.^a Maria Teresa da Rocha. O seu funeral realizou-se no dia 16, com officios religiosos.

A' familia enlutada os nossos sentimentos pêsames

—Segundo ordens de Sua Santidade Pio XII, o nosso Rev.^{mo} Pároco desta freguesia está fazendo preces ontem, hoje e amanhã, pedindo a paz e a concórdia entre as nações.

Presados leitores: ouçamos a voz do Sucessor de S. Pedro, que ao sentar-se em tam gloriosa cadeira, logo pronunciou palavras de paz.

Pensem bem nisto e ergamos os olhos ao céu e dirijamos uma prece a Deus para que Ele se compadeça de nós e elumine a intelligência dos governantes, para que êles pensem bem que o flagelo da guerra, traz consigo os outros dois grandes flagelos: a peste e a fome; e, além disso, arranca a paz e a alegria dos lares e das familias.

Por isso caros leitores: unamos o nosso pensamento ao de Pio XII, e oremos com Ele a Deus, pedindo a paz e a tranquilidade.—C.

Creixomil

Abril, 25

Consociaram-se na parochial desta freguesia o sr. Jerônimo do Vale Pimenta, de Vilar do Monte, filho dos abastados proprietarios daquela freguesia sr. Manuel Joaquim Pimenta e sr.^a Maria Tereza do Vale, com a sr.^a Maria de Sousa Figueiredo, natural de Perelhal mas residente desde ha muitos anos nesta freguesia de Creixomil com seus estimados tios, abastados proprietarios sr. José Antonio de Sousa e sr.^a Felicidade da Costa Gonçalves, e filha do sr. Manoel Gomes Figueiredo e da sr.^a Angelina Rosa de Sousa, de Perelhal.

Ao enlace matrimonial que se realizou com o maior esplendor religioso, assistiram trinta e tal convivas, que, depois, seguiram para casa dos tios da noiva onde fixam residência e onde foi servido um lauto almoço, findo o qual foram levantados brindes enaltecendo ás qualidades dos noivos.

Aos noivos, que são dotados das melhores qualidades, desejamos um futuro cheio de felicidades.—C.

Quereis o vosso calçado consertado com a máxima perfeição e solidez, por preços muito baratos?

SÓ NA

CASA CUNHA

JUNTO À

PENSÃO ARANTES

As festas ao Santo António, em Barcelos, são nos dias 10 e 11 de Junho de 1939 com a grande Procissão.

FESTA E FEIRA DAS CRUZES EM BARCELOS

3 de Maio de 1939

PROGRAMA

DE DIA—A' 10 horas—Entrada das afamadas Bandas de MATOZINHOS e do GRUPO RECREATIVO MUSICAL DE VILA NOVA DE FAMALICÃO, as quais darão concêrtos nos coretos que lhes serão designados.

A's 11 horas—Solene festividade religiosa no majestoso Templo do BOM JESUS DA CRUZ, valioso monumento do século XVIII, onde estará em exposição a Imagem do SENHOR DOS PASSOS, admirável exemplo da escultura Italiana e que é sempre muito admirada pelos milhares de forasteiros que nos visitam.

GRANDE FEIRA FRANCA DAS CRUZES, a maior feira anual de Barcelos, cujas feiras semanais constituem expressiva nota de colorido e manifestação a actividade agrícola regional.

CONCURSO PECUARIO, presidida por um delegado de S. Ex.ª o Ministro da Agricultura, sendo concedidos prémios no valor de 6.000\$00.

A's 13 horas—Desfile do gado que concorre ao Concurso Pecuario.

DE NOITE—Deslumbrantes iluminações com milhares de lumes vivos. Grandiosas sessões de fogo do Ar e Prêso.

Iluminações de João Faria, de Barcelinhos; Fogos Prêso e do Ar, de Igreja & Filhos, de Barqueiros e António Gonies da Costa e Filhos, de Ponte da Barca.

Durante as Festas são franqueados ao Público os Museus da Cidade. No Posto de Informações da Comissão Municipal de Turismo, serão dados aos visitantes todos os esclarecimentos que forem solicitados.

COMARCA DE BARCELOS

ANUNCIO

1.ª praça
2.ª publicação

Para os devidos efeitos se anuncia que, por virtude do requerido e ordenado nos autos de acção de interdição por demência proposta por José Vieira Veloso, viúvo, comerciante, desta cidade, contra seu filho Tomaz José de Araújo Veloso, solteiro, maior, também desta cidade, foi designado o dia 7 de Maio, próximo, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial, desta comarca, para a arrematação em hasta pública, de uma morada de casas torres e terras, com seus comodios, sita na rua D. António Barrôso, desta cidade, e que será entregue a quem maior lenço oferecer acima do preço de oito mil escudos, ficando a sisa, na sua totalidade, e as custas de incidente de arrematação, a cargo do arrematante. Para deduzirem os seus direitos são por êste meio citados todos e quaisquer interessados ou crédores incertos dos proprietários do referido prédio:—aquêlle demênte e sua irmã D. Maria de La Salette de Araújo Veloso Pereira Brandão.

Barcelos, 15 de Abril de 1939.

O Chefe da 2.ª secção

Delfino de Miranda Sampaio
Verifiquei

O Juiz de Direito

Arthur A. Ribeiro

COMARCA DE BARCELOS

Arrematação

3.ª praça
2.ª publicação

No dia 30 do corrente mês de Abril pelas onze horas á porta do Tribunal Judicial, desta comarca, por virtude do ordenado nos autos de carta precatória vinda da comarca do Porto e extraída dos autos de execução comercial em que é exequente a firma comercial J. Mendes Ribeiro & Companhia, com séde no Porto, e executado António Teófilo de Carvalho, desta cidade, se há-de proceder á arrematação, em terceira praça, de diferentes cobertores, cortes de fazenda para fato, camisolas e camisas. Pelos respectivos editais e pelo presente são citados todos os crédores incertos para assistirem á arrematação.

Barcelos, 17 de Abril de 1939.

O Chefe da 1.ª secção

João Monteiro

Verifiquei,

O Juiz de Direito:

Arthur A. Ribeiro

COMARCA DE BARCELOS

ANUNCIO

3.ª praça
2.ª publicação

Para os devidos efeitos se anuncia que foi designado o dia 30 do corrente, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial sito nos Paços de concelho, para a arrematação em hasta pública e em 3.ª praça, do direito e acção que o executado António da Silva Ferreira, da freguesia de Quintiães,

COMARCA DE BARCELOS

Arrematação

1.ª praça
2.ª publicação

Para os devidos efeitos se anuncia que nos autos de execução fiscal administrativa que a Fazenda Nacional move contra Domingos Pereira de Souza, da freguesia de Tenões, comarca de Braga, foi designado o dia 7 de Maio proximo pelas 11 horas, para a arrematação em hasta pública e á porta do Tribunal Judicial desta comarca do seguinte prédio:

Casa tórre com dependencia ao poente, sita no lugar da Igreja, freguesia de Areias São Vicente desta comarca e que entra em praça pela quantia de 10.800\$00.

Dêste prédio são usufrutuários os filhos do executado, Carlos Almeida e Souza, José Domingos Almeida Souza e Maria Tereza Almeida Souza, residentes com êle na referida freguesia de Tenões, comarca de Braga e entra em praça sem abatimento do respectivo usufructo. Para assistirem á praça e mais termos da execução, são citados por êste meio todos e quaisquer credores e interessados incertos do executado, e em especial o credor inscrito no respectivo registo da quantia de quatro mil quatrocentos e sessenta e trez escudos e vinte e trez centavos, João Gômes de Macêdo, solteiro, proprietário, da freguesia de Oliveira desta comarca, mas auzente em parte incerta dos Estados Unidos do Brazil.

As despesas da praça e a sisa respectiva, ficam a cargo do arrematante.

Barcelos, 13 de Abril de 1939.

O Chefe da 4.ª Secção

Carlos Domingues Moreira

Verifiquei,

O Juiz de Direito

Arthur A. Ribeiro,

tem a uma quarta parte de uma leira de lavradio, sita no lugar de Triãfe, da mesma freguesia e que lhe foi penhorado pela Fazenda Nacional, direito que entra em praça sem valor. São, para todos os efeitos, citados os comproprietários e crédores do executado.

Barcelos, 17 de Abril de 1939.

O Chefe da 2.ª secção

Delfino de Miranda Sampaio

Verifiquei,

O Juiz de Direito

Arthur A. Ribeiro

COMARCA DE BARCELOS

Arrematação

2.ª praça
2.ª publicação

No dia trinta do corrente mez de Abril pelas onze horas á porta do Tribunal Judicial, por virtude do ordenado nos autos de Execução Fiscal Administrativa que o Magistraldo do Ministério Público move contra José Pereira, da freguesia de Arcozelo, se há-de proceder á arrematação do prédio seguinte:

N.º 1

Leira de mato sita no lugar da Cachadinha, freguesia de Carapeços, e entra em praça em cento e sessenta e nove escudos e quarenta centavos 169\$40.

Pelos respectivos editais e pelo presente são citados todos os crédores incertos para assistirem á arrematação.

Barcelos, 17 de Abril de 1939.

O Chefe da 1.ª secção

João Monteiro

Verifiquei,

O Juiz de Direito:

Arthur A. Ribeiro

QUEREIS CALÇAR BEM, BARATO E COM ELEGÂNCIA?

COMPRAI O VOSSO CALÇADO NA

CASA CUNHA

Junto á

Pensão Arantes

Carreiras diárias de camionetes

Entre Ponte do Lima e Porto

NOVO HORARIO DESDE 1 DE OUTUBRO
A 30 DE ABRIL

Localidades	Chegada	Paragem	Partida
Ponte do Lima			7,45
Correlhá	7,55		7,55
Balugães	8,25	5m	8,30
Barcelos	9	5m	9,05
Famalicão	9,45		9,45
Trofa	10,08		10,08
Porto	10,50		16,20
Trofa	17,02		17,02
Famalicão	17,25		17,30
Barcelos	18,10	2m	18,12
Balugães	18,40	2m	18,42
Correlhá	19,10		19,10
Ponte do Lima	19,20		

A partida de Frelxo é às 8,15 e a chegada às 18,55

Escritório no Porto

Garagem «Comércio do Porto»

CAMIONETES PARA ALUGUER E EXCURSÕES
falar com

DOMINGOS DA CUNHA VILAS-BOAS
BALUGÃES